

Nº 10



A FIDELIDADE DOS PORTUGUEZES,
AGRADECIMENTO
A' NAÇÃO INGLEZA,
A LEI DOS DEZ MANDAMENTOS
CONTRA NAPOLEÃO,
EXHORTAÇÃO AOS PORTUGUEZES.



1636

LISBOA
NA IMPRESSÃO REGIA. Anno 1810.
Com Licença.

IX.

O Chefe vendo a razão,
 Que este tal soldado teve,
 De castigallo se absteve,
 E lhe concedeo perdão.
 Deo-lhe tão bem galardão
 Por mostrar ser bom soldado,
 E lhe fez recommendado
 O segredo do delicto;
 Tão nobre foi o conflicto
 Que deveo ser premiado!

XV.

Logo a Nação Portugueza,
 Cujó timbre he lealdade mud
 Por sua fidelidade
 Quiz defender Vossa Alteza:
 Mas como por natureza
 He ser-vos obediente
 Deixou que a Franceza gente
 Por vossos Reinos entrasse,
 E como amiga a tratasse,
 A vossas Leis reverente.

XI.

Mas logo que se observou
 A perfidia deshumana
 De tão vil Nação tyranna,
 Vingar-vos cada hum pensou;
 Destroçalla protestou,
 E alçar vosso Estandarte:
 Quem de nós da sua parte
 Soffrer tão grande insolencia
 Poderia sem violencia,
 Visto não ser fulto de arte?

XII.

Tropa, Clerigos, e Frades,
 Tudo se apromta a brigar
 A fim de desaggravar
 Nossas Reaes Magestades:
 As mesmas curtas idades,
 Arremedando os Soldados,
 Em bandos vimos formados
 Sem temor da Francezia,
 De sorte que parecia
 Ser veteranos Soldados.

XIII.

Real Senhor D. João,
 A Vossa Alteza Real
 Tem jurado ser leal
 A Portugueza Nação:
 Com firme resolução,
 Logo que lá Bretanha unida
 Póde expór a propria vida,
 O vil Francez disongeiro
 Derrotou lá no Vimeiro
 Nessa batalha renhida.

XIV.

Na França já he constante
 Nossa deliberação,
 Com armas sempre na mão
 He Portugal triunfante:
 Essa Nação inconstante,
 Que nos quer accommetter
 A's mãos nos vem fenecer,
 Pois que nossa lealdade
 Só por vossa Magestade
 Ha-de vencer, ou morrer.

XV.

Se algum em nós se encontrar
 Falso á Patria, e ao Soberano,
 Seja logo sem engano
 Levado a sentenciar:
 Não se deve perdoar
 Tal perfidia abominavel;
 He culpa a mais execravel,
 Que se fica sendo impune,
 Mais delictos a si une,
 E por isso he derestavel.

XVI.

Rainha, Augusta Senhora,
 Certa estai da lealdade,
 De que Vossa Magestade
 Sois em nós merecedora:
 Sede pois a Protectora
 Para que com mais presteza
 Vejamos já Sua Alteza,
 Que como Pai respeitamos;
 Porque assim orfãos estamos
 Sem amparo, sem riqueza.

XVII.

XVII.

Toda a familia Real
 Venha, venha já segura
 De que não soffra tristura
 A's demais Nações igual:
 Vossa Tropa nacional
 Com auxilio dos Inglezes
 Nunca temerá Francezes,
 Nem quaesquer outras Nações,
 Que com iguaes semrazões
 Nos queirão dar seus revêzes.

XVIII.

Vosso Estandarte Real
 Insignia de nossa Fé,
 De nossa Religião he
 Bem conhecido sinal:
 Nem ha outro algum igual
 Que com este se compare;
 E senão nelle repare
 O que não for dos Arheos,
 Crerá que ha hum só Deos,
 Que nunca nos desampare.

XIX.

Observai, Lusa Nação,
 Nossa Lei, e tende Fé,
 Vêde que o Senhor Deos he
 Toda a nossa salvação:
 Para termos Redempção
 O deveis sempre adorar,
 Porque nos ha-de livrar
 De-tão vil Napoleão,
 Que já pela Excommunhão
 No inferno tem seu lugar.

A G R A D E C I M E N T O

A' N A Ç ã O I N G L E Z A .

I.

MEus amados Portuguezes,
 Proponhamos gratos ser
 A quem nos veio soccorrer
 Contra os perfidos Francezes:
 Aos generosos Inglezes
 Infinitas graças demos,
 E ter por certo devemos
 Que com todo o mundo guerra,
 Porém paz com Inglaterra,
 Como em nossos ritões lêmos.

II.

O' Nação a mais briosa,
 Não he esta a vez primeira,
 Nem será a derradeira,
 Que vos mostreis generosa:
 Só vós sois a que animosa
 Nos fez quebrar do Tyranno
 O juzo mais deshumano,
 Com que o perfido aggressor
 Se julgou conquistador,
 Conforme formára o plano.

III.

Aleivoso em vez de amigo,
Veio entrando em Portugal,
Para que a Família Real
Podesse arrastar consigo;
Quiz que a França de jazigo
Aos Reis d' Hespanha servisse,
E talvez também cumprisse
Em nossos Reaes Senhores,
Esses projectos traidores,
Se ElRei JORGE os não previsse.

IV.

Novas graças vos rendemos
Por tão grande beneficio,
Pois que o cruel artificio
Destruído em tudo vemos:
Nós comvosco não tememos
Não só a Nação Franceza,
Mas qualquer sagaz dobreza
De alguma brava Nação;
Nada val Napoleão
Para quem segue a Ingleza.

V.

Vós sois quem forças nos destes
Armas, gentes, e dinheiros,
Porque os taes ladrões bréjeiros
Tudo nos roubarão prestes;
Animosos nos fizestes
A cobrar antigos brios,
Para que da espada aos fios
Não nos escapem Francezes,
E veção que os Portuguezes
São féras, e não bugtos.

VI.

A Providencia Divina
Conceda á Ingleza Tropa
Defender toda a Europa
De quanto o Corso maquina:
No inferno pague a ruina,
Que tem feito á humanidade,
Lá soffra tal crueldade
Esse vil Napoleão,
Com pena de Talião
Em perpetua eternidade.

A LEI DOS DEZ MANDAMENTOS

CONTRA NAPOLEÃO.

SE tu Corso os Mandamentos
Da Lei de Deos observáras,
Como deve o que he Christão,
Os seus preceitos guardáras.

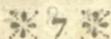
Vamos ver se tu observas
O primeiro, amando a Deos;
Committes mil desacatos,
Como he proprio dos Judeos.

Os sacrilegios nos Templos
Que aos teus tens permittido
Mostrão seres hum Atheo,
E que teu culto he fingido.

Se o segundo he não jurar
O seu santo Nome em vão,
Faltas ao teu juramento
Do dia da Coroação.

Como cumpres o terceiro
Sobre Domingos, e Festas,
Se os Templos os teus profanão,
Mettendo-lhes dentro as bestas.

O quarto pertence á honra,
Que se deve dar aos pais;
Bem se diz o Santo Padre
Em seus gemidos e ais.



Se o quinto he não matar,
Nada disto considera
A tua alma, que perdida
Se trocou em cruel féra.

No sexto tudo te agrada;
Pois segundo o mundo diz,
Nunca podes casto ser,
Nascendo de Meretriz.

No setimo que he não furtar
Mostras bem que só desejas
Roubar todas as Nações,
E despojar-lhe as Igrejas.

O oitavo, que nos prohibe
Testemunhos levantar,
He arma de que te serves
A fim de os homens matar.

O nono he não desejar
A mulher de teu irmão;
Nisso segues os costumes
De velhaco e garanhão.

O decimo nos ordena
O alheio não cubiçar;
Todos vemos te exercitas
Em o dos outros roubar.

Todos estes Mandamentos
Em dous se vêm a encerrar,
Do corpo tirar-te a vida
Tua alma o demo levar.

Deos Senhor Omnipotente,
Vosso castigo abrandai,
Em nós vossos olhos ponde,
Ao inferno o Corso dai.

Talis vita, finis ita.

AOS PATRIOTAS.

Portuguezes tende fe,
 Vossas culpas detestai;
 A Deos Trino e Uno orai,
 Pois que pai piedoso he:
 Crêde que a tal relé
 Dessa gente excommungada
 Ha-de ser bem castigada,
 E soffrer duos tormentos;
 E talvez que em poucos tempos
 Deos a mostre aniquilada.

Elle he só quem da vingança
 He Senhor, e a quem pertence;
 Elle abate, elle só vence,
 Nelle tende confiança:
 Qual de nós seus fins alcança?
 Nossas culpas emendemos,
 E certos estar devemos,
 Que posto sejam secretos
 A todos nós seus Decretos,
 O vil Corso aterraremos.

Na palavra de Deos crêde,
 Em que nunca se vio falha,
 A todos o premio talha;
 Tudo em Deos he feito adrede:
 O Corso cahirá na rede,
 Que a si mesmo tem tramado;
 He soberbo, e excommungado:
 Que mais quereis para crer
 Que nós o havemos ver
 Abatido e condemnado?

*Por hum amador da Religião, e da Patria, que dará a vida pelos
 seus Reaes Soberanos, e que ao Augusto e Real Senhor nosso Príncipe he
 summamente devedor.*

F I M.